

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FOMENTO PARA O INCENTIVO E A FORMAÇÃO LEITORA

Carlos Antonio de Souza¹

Resumo: Ler e escrever constituem-se como habilidades fundamentais na plenitude do ser humano, uma vez que são competências capazes de proporcionar seu desenvolvimento em todos os segmentos de sua existência, facilitando, sobretudo, sua inserção social. Nesse contexto, o presente artigo visa apresentar as contribuições das histórias em quadrinhos (HQs) como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, com destaque para a formação leitora. Como suporte teórico, destacamos algumas obras: Vergueiro e Ramos (2009), Koch e Elias (2006), Kleiman (2002), Ulbricht (2014), Sousa (2001), dentre outros. A pesquisa também busca saber se os professores, principalmente de Língua Portuguesa, utilizam as HQs em sala de aula como metodologia para ensinar a ler. A pesquisa concluiu que a leitura das revistas de HQs se coloca como uma forte aliada para se formar leitores proficientes.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Fomento. Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract: Reading and writing constitute fundamental skills in the fullness of the human being since they are competences capable of providing their development in all segments of their existence, facilitating their social insertion. In this context, the present article aims to present the contributions of comics (HQ) as a pedagogical resource in the teaching-learning process, with emphasis on reading education. As theoretical support, we highlight some works: Vergueiro and Ramos (2009), Koch and Elias (2006), Kleiman (2002), Ulbricht (2014), Sousa (2001), among others. The research also seeks to know if the teachers, mainly of Portuguese Language, use the HQs in the classroom as a methodology to teach reading. The research concluded that reading comics magazines stand as a strong ally to graduate proficient readers.

¹ Especialista em Ensino de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Ateneu (UNIATENEU); Licenciado em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Licenciado em Língua Portuguesa e Inglesa, pela UVA; Professor Efetivo da rede estadual de ensino (SEDUC-CE).

Keywords: Comics. Pedagogical Tool. Development. Reading Training.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) que lemos contemplam uma conexão entre os textos e as imagens, oferecendo um maior incentivo para que o leitor busque em seu cotidiano outros tipos de leituras. Esse gênero multimodal, em conjunto com outros gêneros, forma um repertório de instrumentos que estimulam o raciocínio e a imaginação do leitor, sejam elas crianças, jovens ou adultos.

As HQs talvez sejam o gênero literário mais antigo que possa existir no conjunto de conhecimentos passados à humanidade. Sua inspiração surge com as descobertas de pinturas rupestres encontradas em antigas cavernas que eram habitadas pelos primeiros homens existentes na face da terra na era primitiva, que se valiam das pinturas para registrar suas histórias de conquistas e derrotas vividas durante sua existência dia após dia. Esse tipo de escrita metódica nos conduz a refletir sobre a importância da comunicação, mesmo que seja através de imagens codificadas.

Nessa perspectiva, a leitura e a escrita se completam formando um único conjunto que nos torna capazes de adquirir conhecimentos teóricos e, conseqüentemente, práticos de atividades mediadas pela mentalidade de outros indivíduos pensantes. Dessa forma, o ato de ler nos torna pessoas conhecedoras de nós mesmas, transformando-nos em decifradores de códigos com capacidade de transformá-los em linguagem oral.

Desde sempre e nos dias atuais, há a necessidade de sermos estimulados a nos envolvermos muito cedo com os símbolos, “letras”, que formam palavras, e estas que se transformam em frases para juntas formarem um conjunto de ideias que conhecemos como texto. Esse contato precoce nos proporciona processar um leque de informações que nos chega através de diversos meios de comunicação, como, por exemplo, a imprensa escrita, caracterizada por jornais e revistas, a televisiva, a radiofônica e a digital, “internet”, que nos força a desenvolver habilidades de leitura para que possamos processar uma vasta gama de informações diversificadas, ligando os textos às imagens.

O trabalho que ora apresentamos, cuja temática evidencia “As Histórias em Quadrinhos como” Fomento para o Incentivo e a Formação Leitora, é fruto de minha curiosidade por respostas para esclarecer a hipótese de que a leitura das histórias em quadrinhos possui relevância como instrumento apropriado para incentivar e desenvolver o gosto pela leitura. Partindo dessas considerações, propomo-nos a analisar e discutir o gênero literário das HQs, como instrumento que retrata diferentes temáticas capaz de influenciar o afloramento do senso crítico do indivíduo.

Nesta pesquisa, objetivamos analisar as possíveis contribuições das Histórias em Quadrinhos como ferramenta pedagógica utilizada no ensino e aprendizagem na formação leitora.

Procuramos tratar os assuntos aqui discutidos auxiliados por uma literatura inerente ao que nos propomos pesquisar. Durante essa trajetória, apropriamo-nos do conhecimento de muitos autores que tratam dessa temática com riqueza de informações. Dada a importância a todos esses pesquisadores, limitamo-nos a destacar alguns, tais como: Vergueiro e Ramos (2009), Koch e Elias (2006), Kleiman (2002), Ulbricht (2014), Sousa (2001), dentre outros.

2 A TRAJETÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs)

As histórias em quadrinhos (HQs) são caracterizadas por uma completude de diálogo textual e de gravuras que contextualizam e comunicam ao leitor uma história verdadeira ou simplesmente um acontecimento fictício. Assim, recebem diferentes definições. Scott McCloud (1995 *apud* FRANCO, 2004, p. 23) define as HQs como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no expectador”. Porém, de acordo com Mercado (2007, p. 81), “histórias em quadrinhos são enredos narrados quadro a quadro por meio de desenhos e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada. São facilmente identificadas por sua peculiaridade por meio dos desenhos dos balões e dos quadros”.

Por essa ótica, possivelmente o primeiro indício de cunho artístico relacionado aos quadrinhos sejam os achados arqueológicos supostamente dos povos primitivos registrando, através de pinturas e desenhos em superfícies sólidas, “Rochas”, as atividades por eles desenvolvidas em seus cotidianos. Há convincentes indícios históricos de que, no período pré-histórico, a comunicação dos homens se dava por meios de mímicas e a emissão de sons da fala, caracterizados por gritos ou grunhidos. Porém, nesse período, a emissão de sons e a comunicação por meio de gestos não supriam totalmente suas necessidades de transmissão de mensagens. Dessa forma, o homem pré-histórico, de acordo com Silva e Araújo (2012, p. 37; 38), “passou a recorrer aos desenhos ou gravuras para exprimir as proezas e os perigos vencidos. Isto representou um passo de extraordinária importância na evolução do homem, pois foi seu primeiro esforço para tornar visível o pensamento e o sentimento de uma forma duradoura”.

Muitas descobertas arqueológicas em cavernas dão conta da arte rupestre como meio de expressividade e contação de histórias através de desenhos esculpidos em paredes rochosas.

Uma das descobertas mais surpreendentes do século XIX foi a de pinturas de vários animais feitas pelo homem paleolítico, encontradas nas paredes de cavernas na Espanha e no sudoeste da França. Quando as primeiras dessas cavernas foram descobertas, estimou-se que as pinturas teriam mais de vinte mil anos. Elas não foram pintadas em lugares de fácil acesso, abertos a qualquer tipo de luz natural, mas nas paredes de câmaras escuras situadas no subsolo profundo e de acesso muito difícil. Sua preparação era acompanhada de grande cuidado, e também foram encontrados esboços preliminares e desenhos de contornos de pinturas que nunca foram completadas (WALLACE-MURPHY, 2007, p. 13).

Nesse contexto, tudo indica que, mesmo antes de o homem verbalizar, ele já historicizava sua aventuras da vida diária através de desenhos rupestres esculpidos no interior de suas moradias.

3 AS HQS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

O ser humano é fadado a viver em sociedade e não consegue sobreviver longe da aquisição de informações e, conseqüentemente, de sua compreensão. Entretanto, saber ler e sintetizar os informes dessa leitura é de primordial importância,

principalmente nos dias atuais de globalização do planeta, quando a educação é o principal pilar de sustentação do indivíduo em qualquer sociedade que se encontre inserido. Segundo Dell’isolla (2010, p. 19), “geralmente as pessoas costumam definir leitura como ‘entendimento das ideias do autor’ ou ‘a assimilação de informações impressas’. No entanto, essas definições são apenas parte da verdadeira definição do que é leitura”. Para Kleiman (2002, p. 10), “em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores. Crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária. Isto é, o grupo social em que fomos criados”.

No âmbito nacionalista, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei Nº 9.394/96, enfatiza que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 2014).

No momento atual, saber ler é tão importante quanto inalar oxigênio livre de toda e qualquer poluição. Para Badejo (2005 apud Santos, 2009, p.1329), “a leitura tem um papel tão significativo na sociedade que podemos dizer que ela cria novas identidades, novas formas de inserção social, novas maneiras de pensar e agir”. Segundo Silva (2015, p. 54), “a leitura é um meio privilegiado não só de se obter vários conhecimentos e informações, mas também uma forma especial de entretenimento”. De acordo com Martins (2008, p. 141), “saber ler tornou-se emblema distintivo. Não só para colocação no mercado de trabalho, potencializado pelo crescimento do terciário, como para o exercício da cidadania”.

Todavia, a boa leitura não se restringe somente a juntar sílabas para formar palavras, e estas para formular frases; esse preceito é defendido por Mendel (2012), citando Cassany (2006), quando enfatiza que:

Para ler um texto é necessário saber ler na linha, entre linhas e por trás das linhas. A leitura na linha é o significado literal: a soma do significado de todas as palavras de um texto. A leitura entre as linhas é tudo o que se deduz das palavras de um texto. A leitura por trás das linhas é tudo o que se deduz das palavras escritas, sem que se tenha dito explicitamente. E a leitura por trás das linhas refere-se à ideologia, ao ponto de vista, à intenção e à argumentação do autor e também à relação do discurso do autor com o de outros autores (CASSANY, 2006 *apud* MENDEL, 2012, p. 54).

Nesse contexto, ler não significa apenas falar o que está escrito, a leitura passa por um processo de entendimento sobre a contextualização da escrita, ou seja, a

ação discursiva não é um jogo de junção silábica ou de palavras, e sim o entendimento da mensagem textual. Assim, para ser um leitor, segundo Brasil (2007, p.40; 41), “é necessário considerar que se trata, simultaneamente, de uma experiência individual única e de uma experiência interpessoal profunda e intensa, um exercício dialógico ímpar, pois entre leitor e texto desencadeia-se um processo discursivo de decifração, interpretação, reflexão”. Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita *a priori*, ou seja, antes da leitura (MOURA, 2008, p. 373, grifo do autor). Para Badejo (2005), citado por Santos (2009, p. 1329), “a leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever; ela envolve o domínio de um conjunto de práticas culturais que envolvem uma compreensão do mundo diferente daquela dos que não têm acesso à leitura”.

De acordo com Koch (1999, apud Lins e Oliveira 2009, p. 150), “é o conhecimento de mundo que propicia ao usuário do texto a construção de um mundo textual, ao qual se ligam crenças sobre mundos possíveis e que passa pelo modo como o receptor vê o texto”. Para Goodman (1970), segundo Pereira e Guaresi (2012, p. 53), “o leitor utiliza seus conhecimentos prévios para fazer antecipações e previsões sobre o conteúdo do texto, fixando-se para verificá-las”.

Para alguns autores, como Ângela Kleiman, a leitura à qual nos referimos não está somente nos conhecimentos prévios que o leitor possui da cultura e das experiências vividas do assunto o qual se propõe a ler, mas o leitor também precisa possuir o conhecimento linguístico. De acordo com Kleiman (1993):

[...] ele está implícito no leitor, não sendo, pois, verbalizado; tal conhecimento abrange, também, a pronúncia das palavras, passando pelo vocabulário e pelas regras da língua. O textual diz respeito ao conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso que determinam as expectativas do leitor em relação aos textos, já que o conhecimento de mundo é mais abrangente, sendo fundamental para que a compreensão seja alcançada (KLEIMAN, 1993, p. 15).

Corroboram a linha de pensamento de Kleiman (1993), Koch e Elias (2006, p. 11) se manifestam afirmando que “a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo”.

Em meio a diferentes concepções com relação ao ato de ler, se enveredarmos pelas linhas de pensamento defendidas por esses autores, iremos perceber que, para eles, a compreensão da leitura textual é consequência de um grande leque de conhecimentos prévios que podem influenciar no entendimento do leitor sobre determinado assunto.

Contudo, de acordo com Tamarozzi e Costa (2009, p.103), “para se entender o conceito de leitura não basta procurar no dicionário o significado da palavra. Ler envolve uma série de práticas e de experiências; implica em aspectos ligados ao sujeito que lê, à situação em que lê, aos motivos pelos quais lê etc.”. Todavia, para Goodman (1991 apud DURANTE, 2007, p. 20), “só existe um processo de leitura. As diferenças entre leitores competentes, não competentes ou principiantes não estão relacionadas com o processo pelo qual é obtido o significado, mas com a maneira de cada um utilizar o processo”.

Há um adágio popular que diz: “Para escrever tem que saber ler”. De fato, entre os autores existe o consenso de que a leitura é a principal precursora da escrita e de muitos outros saberes, e de que ambas são cúmplices de uma completude, pois o indivíduo que não sabe ler não sabe escrever e, conseqüentemente, não deve saber de nada (ZALUAR, 2004). Segundo Barcelos (2013, p. 22), “só escreve quem lê, só sabe escrever quem sabe ler”.

É muito comum nos depararmos com indivíduos que tomaram gosto pela leitura somente na idade adulta, outros na adolescência, mas o estímulo à leitura, segundo Mendes (2010, p. 6), “deve ser incentivado desde os primeiros anos de vida e, sem dúvidas, a família possui papel de grande importância nesse processo, sendo ela responsável por passar os primeiros valores e costumes”. Nesse contexto, o acesso a revistas de HQs parece ser um bom início, pois, conforme Vergueiro *et al.* (2014), “a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir”.

Todavia, quanto à teoria de Vergueiro *et al.* (2014) de que as HQs podem ser o estímulo inicial que consolida o entendimento do texto que se lê, um dos mais renomados poetas de nosso tempo, Mario Quintana, posicionou-se totalmente contrário à utilização das histórias em quadrinhos como estímulo para a criança aprender a ler. Disse o poeta que:

As crianças de hoje não se acostumam a ler corretamente, porque apenas olham as figuras dessas histórias em quadrinhos, cujo “texto” se limita a simples frases interjetivas e assim mesmo muita vez incorretas. No fundo, uma fraseologia de guinchos e uivos, uma subliteratura de homem das cavernas (QUINTANA, 2006, p. 66).

3.1 A LEITURA DAS HQS NO AMBIENTE ESCOLAR

Mesmo com toda a lentidão peculiar não somente ao âmbito educacional, mas também a outros segmentos de suma importância para a melhoria de vida de cada cidadão, aos poucos estamos conseguindo galgar alguns degraus outrora considerados inalcançáveis. O fato é que a educação básica nacional está passando por um processo de melhorias, no qual as histórias em quadrinhos estão sendo contempladas e preenchendo lacunas nas escolas de ensino infantil, fundamental, médio e educação de jovens e adultos.

O Programa Nacional de Biblioteca Escolar – PNBE, dividido em três diferentes temáticas, vem inserindo as HQs na composição literária das bibliotecas instaladas nas escolas públicas brasileiras. De acordo com Brasil (2017), “PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos”. Para Vergueiro e Ramos (2009), “a presença dos quadrinhos no ambiente escolar – incentivada pelo governo federal – tem gerado novos desafios aos professores e trazido à tona uma adiada necessidade de se compreender melhor a linguagem, seus recursos e obras”.

As revistas de histórias em quadrinhos estão se firmando como um gênero literário capaz de fidelizar o leitor de todas as idades, uma vez que lança mão do uso semântico de cunho verbal ou não verbal, ou seja, a observação das imagens, o que facilita sua aplicabilidade por parte dos docentes no contexto do ambiente de sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN do ensino da língua portuguesa contemplam as HQs como uma das possibilidades de ensino da leitura e da compreensão textual, pois as crianças, segundo Nery (2009, p. 22) possuem habilidades de “deduzir o significado da história apenas olhando a sequência dos desenhos, mesmo que ainda não saibam ler e decifrar as palavras, o que passa para elas a sensação de ser leitora, algo importante no processo de alfabetização, assim, elas ficam familiarizadas

com a atitude de ler”. Vergueiro e Ramos (2009 apud Santos e Vergueiro, 2012, p. 84) consideram que “a utilização dos quadrinhos na educação ainda necessita de reflexões que subsidiem práticas adequadas e levem a resultados concretos em relação ao aprendizado”. Ainda em conformidade com Santos e Vergueiro (2012, p. 84), “Ter álbuns e revistas de quadrinhos disponíveis nas salas de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material por parte dos professores”.

Entre o material literário indicado pelos PCN, encontram-se, segundo Brasil (1997,p. 61), “livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel”. Todavia, de acordo com Costa e Sgarbi (2005, p. 6), “os quadrinhos constituem-se elementos que possibilitam a prática interdisciplinar, pois, além das adaptações literárias, resultam em um processo artístico, difusão dos conhecimentos científicos tanto na educação formal como na educação informal”.

É relevante lembrarmos que a formação do leitor ultrapassa os limites da sala de aula, ou seja, a família, como a primeira sociedade com que a criança mantém contato, torna-se responsável direta pela intermediação inicial entre o ato de ler e a criança no âmbito domiciliar, devendo os pais dar o exemplo lendo na frente do filho e colocando a sua disposição diferentes gêneros literários, para que ele possa despertar a curiosidade de descobrir a leitura; e as HQs podem se revelar úteis, visto que, conforme Sales e Feldens (2012, p. 161), “as histórias em quadrinhos provocam a imaginação, pois estimulam o leitor a participar de outra dimensão, de modo que fatos inverossímeis podem acontecer sem nenhum problema”. Para Strauss e Altwerger (2007 apud Boyd e Bee 2011, p. 244), “a maioria das crianças é capaz de inferir correspondências entre sons e letras sozinhas, contanto que tenham exposição suficiente a material impresso”.

Até as décadas finais do século XX, as histórias em quadrinhos eram marginalizadas e seria inimaginável um aluno ler um gibi, seja qual fosse o gênero, no interior da escola e, principalmente, diante dos olhos dos gestores ou professores, isso porque existiam correntes educacionais que contestavam as HQs sob a alegação de que esse tipo de leitura se constituía como um atraso no desenvolvimento intelectual das crianças e atrapalhavam o aprendizado. No entanto, atualmente, há uma inversão desse conceito, mesmo que haja divergências entre autores e educadores. Segundo Oliveira

(2010, p. 30), “não é fora do comum encontrar professores que incentivam a leitura por meio de gibis, considerado por alguns como introdução da criança no mundo da leitura. Tudo isso se deve ao método de linguagem e imagem aliada a uma sequência narrativa lógica”. Para Santos e Vergueiro (2012, p. 84), “ter álbuns e revistas em quadrinhos disponíveis nas salas de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material por parte dos professores”. Todavia, Moura (2008, p. 117) pondera que:

O professor está apto a incorporar os quadrinhos de forma positiva em seu processo didático quando conhece os principais elementos da sua linguagem e os recursos de que ela dispõe para a representação do imaginário; domina razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características, como meio de comunicação de massa; está a par das especificidades do processo de produção de quadrinhos; e, enfim, conhece os diversos suportes em que eles estão disponíveis (MOURA, 2008, p. 117).

Muito embora encontremos algumas resistências e críticas em relação aos educadores que inovam lançando mão do frequente uso das revistas de histórias em quadrinhos no interior da sala de aula, como uma das mais importantes ferramentas pedagógicas de incentivo à leitura, há posicionamentos de elogios e incentivos atribuídos a esse processo.

Nesse sentido, Ribeiro e Menin (2001, p. 128) se manifestam dizendo que “o grande poder de comunicação das histórias em quadrinhos é inegável. Elas estão presentes nos bancos escolares, servindo de material didático auxiliar para inúmeros exercícios e configurando uma alternativa interessante às atividades pedagógicas mais tradicionais”. Para Santos (2001 apud Santos e Ganzarolli, 2011, p. 67), “a linguagem e os elementos dos quadrinhos, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união do texto com a imagem facilita a compreensão dos conceitos que ficariam abstratos se relacionados unicamente com as palavras”. Na concepção de Short e Reeves (2009), citado por Ulbricht et al. (2013, p. 107), “um dos benefícios da utilização de histórias em quadrinhos em sala de aula é que os alunos são capazes de perceber que, mesmo em diferentes contextos, questões universais estão relacionadas”.

Por meio do notório universo imaginário que há nas HQs, Hughes e King (2010 apud Ulbricht, Vanzim e Quevedo, 2014, p. 108) “identificam que os elementos visuais das histórias em quadrinhos são capazes de criar um contexto emocional e físico

com o leitor que somente o texto não é capaz. Isso é possível devido à utilização das imagens e do texto para formar uma única mensagem”. Os quadrinhos podem ser utilizados como mediadores em assuntos com carga emocional elevada, além de facilitadores na exploração de universos alternativos, estimulando a discussão de temas e termos teóricos e incentivando o pensamento crítico (GERDE e FOSTER, 2008 *apud* BIEGING, BUSARELLO e ULBRICHT, 2016, p. 131). Contudo, na concepção de Ulbricht *et al.* (2013, p. 107), “as histórias em quadrinhos, vistas como ferramentas de ensino, constituem uma mídia de maior proximidade emocional com o leitor, e isso colabora tanto para o processo de aprendizagem como para o estímulo à criatividade”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de ler e escrever constitui-se como a principal habilidade adquirida pelo ser humano, capaz de proporcionar seu desenvolvimento pleno em todos os segmentos de sua existência, facilitando sua inserção social proporcionada pela ação do hábito da leitura.

Mesmo tendo passado por momentos históricos conflitantes em todas as nacionalidades e sendo alvo de proibições de cunho político e educativo, as HQs sobreviveram a esses momentos calamitosos e agora se apresentam como um dos mais populares gêneros literários de que se tem notícia. São consideradas por educadores como uma das melhores possibilidades de interação entre o indivíduo e a leitura, o que as torna uma importante ferramenta metodológica a ser utilizada como artifício no processo de ensino–aprendizagem de nossa língua materna, bem como de outros idiomas.

Por sua caracterização eclética e seu diversificado universo de assuntos, as HQs se mostram fiéis aos gostos literários individuais de pessoas de todas as idades, sendo capazes de estimular a paixão pela leitura e fidelizar o leitor. Contudo, quando o professor utiliza esse gênero literário em sala de aula, ele está contribuindo com o despertar do prazer de se frequentar bibliotecas, influenciando a tomada de gosto pela leitura.

Através desta pesquisa, chegamos à conclusão do quanto o gênero HQ pode contribuir no processo ensino–aprendizagem, pois as Histórias em Quadrinhos

envolvem a leitura de mundo, trazendo diferentes situações cotidianas vividas pelos personagens. Possibilitando, dessa forma, a competência de oralidade, de leitor compreensivo, a competência argumentativa, do senso crítico, imaginário e, além disso, desenvolvendo a capacidade para a decodificação e apropriação de diferentes linguagens.

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- ANTARES, Instituto. **Almanaque d’o Tico-Tico**. Rio de Janeiro: Consultor, 2006.
- ANTUNES, Celso. **A sala de aula de geografia e história: Inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia a dia**. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BARCELOS, Angel. **Meu irmão não anda, mas pode voar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BELMIRO, Celia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 21, n. 72, ago. 2000.
- BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vania Ribas (Org). **Educação no Plural: da sala de aulas às tecnologias digitais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2016.
- BONFÁ, Sebastião *et al.* **Licensing: Como utilizar marcas e personagens para agregar valor aos produtos**. São Paulo: M. Books, 2009.
- BOYD, Denise; BEE, Helen. **A criança em crescimento**. Porto Alegre, RG: Artmed, 2011.
- BRASIL. Lei Darcy Ribeiro (1996). **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** [recurso eletrônico]: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.
- _____. Ministério da Educação – MEC. **Programa de apoio à leitura e escrita PRALER**. Brasília: MEC, 2007.
- _____. Ministério da Educação – MEC. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>> Acesso em: 22 mar. 2017.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **Uma Identidade (não tão) Secreta: O Superman e seu Poder de Criar Identificação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

COLMAN, Gabriel. **História em Quadrinhos**. Disponível em <<https://ahistoriadascosas.wordpress.com/2013/03/24/historia-em-quadrinhos/comment-page-1/>> Acesso em: 15 mar. 2017.

COSTA, Juliana Veronice Conde; SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. **Falar e escrever em quadrinhos: um estudo exploratório no 6º ano da escola Billy Gancho em nova Xavantina – MT**. INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. v. 3, Edição n. 20, de out. 2014 / mar. 2015.

DELL'ISOLLA, Alberto. **Treinamento em leitura dinâmica**. 2 ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de adulto e produção de textos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Unesp, 2002.

FRANCO, Edgar Silveira. **HQTRÔNICAS: do suporte papel à rede internet**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

GEHRINGER, Max (Org.). **Pílulas de Sabedoria instantânea da professora Etelvina** – livro de bolso. Porto Alegre, RG: Globo, 2009.

GUZMAN, Sidney. **Gibi intervenção urbana**. Rizoma. net. 2002. Disponível <http://www.intervencaourbana.org/rizoma/rizoma_gibi.pdf> Acesso em: 18 mar. 2017.

GONÇALO JÚNIOR, A. **A Guerra dos Gibis: formação do mercado editorial brasileiro e a censura nos quadrinhos 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria Prática**. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

LINS, Maria da Penha Pereira; OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. **Revista CON(TEXTOS) Linguísticos**, Vitória, n. 3, p. 143-152. 18/9/2009.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: Imprensa e práticas culturais em tempos de república. 1 ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MATTOS, Cicero. **A turma do Janjão**. 2 ed. São Paulo: Clube de Autores, 2014.

MENDEL, Cassia Ravena Mulin de A. **Ensino fundamental 1**: Práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MENDES, Michelly Cristiane Oliveira. **A biblioteca escolar e o incentivo à leitura na primeira infância**: as representações sociais dos pais dos alunos do infantil IV da escola ativa. João Pessoa: UFPB, 2010.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). **Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na educação**. 1 ed. Alagoas: Edufal, 2007.

MONFARDINI, Juliana Costa de Góes; GRAZINOLLI, Daniele de Carvalho; FERREIRA, Marlene Nunes. **As epistemologias do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula: uma abordagem histórica**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas: 2012.

MOURA, Denilda (Org.). **Os desafios da língua**: Pesquisa em língua falada e escrita. Maceió: Edufal, 2008.

MUNDO MÁGICO PROFESSORA JULIANA. Disponível <<http://mundomagicoprofjuliana.blogspot.com.br/2012/08/trabalhando-com-historias-em-quadrinhos.html>> Acesso em: 02 abr. 2017.

NERY, Lincoln. **Publicidade em quadrinhos**: a força dos super-heróis. Joinville, SC: Clube de autores, 2009.

OLIVEIRA, Carmen Irene C. de. *et al.* **Imagem e educação**. v. 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

OLIVEIRA, Mauro César Bandeira de. **A importância das histórias em quadrinhos para a educação**. Joinville, SC: Clube de autores, 2015.

_____. Mauro César Bandeira de. **Quadrinhos na construção do conhecimento**. Quadrinhos na construção do conhecimento. Joinville, SC: Clube de autores, 2010.

PEREIRA, Vera Wannmacher; GUARESI, Ronei (Org.). **Estudos sobre leitura**: psicolinguístico e interfaces. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

PIZARRO, Mariana Vaitiekunas. **As histórias em quadrinhos como linguagem e recurso didático no ensino de ciências**: Comics as language and didactic resources in science teaching. VII Enpec – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis: 8 nov. 2009.

PORTAL DA ARTE. Disponível em <<http://www.portaldarte.com.br/hq.htm>> Acesso em: 15 mar. 2017.

QUINTANA, Mario. **80 anos de poesia.** 2 ed. São Paulo: Globo, 2006.

RASLAN, Eliane Meire Soares *et al.* **Revista Digital Art&.** Ano 12. n. 15. nov 2014. ISSN 1806-2962.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura da cidade do. **A indústria dos quadrinhos:** Rio de Janeiro: Secretaria especial de comunicação, 2003.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda; MENIN, Ana Maria da Costa Santos. **Contribuições e reflexões dos docentes e discentes dos cursos de pós-graduação *latu sensu* em “Gestão educacional” e “O Ensino do texto: teoria e prática na sala de aula” (1999-2000).** São Paulo: Arte & Ciência, 2000.

RIOS, Rosana; FERNANDES, Luís Flávio. **Enciclopédia:** almanaque de cultura nerd. São Paulo: Panda Books, 2012.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em biblioteconomia e ciências da informação.** Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

SALES, José Albio Moreira de; FELDENS, Dinamara Garcia. **Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas.** Fortaleza: EDUECE, 2012.

SANTANA, Eliara; PENNA, João Carlos Firpe. **Revista do Minas,** Minas Gerais, ano 10. n. 115, abr. 2015.

SANTOS, Aline Martins dos. São Paulo e o “cenário urbano” representado através das histórias em quadrinhos presentes na revista Chiclete com Banana de Angeli. **Revista contemporânea – dossiê contemporaneidade.** São Paulo, ano 1, n. 1/2011, inverno ISSN [2236-4846].

SANTOS, Clézio. **Educação e história em quadrinhos:** Olhares da baixada santista. Joinville, SC: Clube de autores, 2011.

SANTOS, Eli Regina Nagel dos. **As pessoas que leem têm maior compreensão de mundo, entendem o porquê das coisas - a concepção de leitura dos professores.** IX Congresso Nacional de Educação –EDUCERE III Encontro Sul-Brasileiro de Psicopedagogia da PUCPR 26 a 29 de outubro de 2009.

SANTOS, I.G.R.B. De A.; CRUZ, T. A. da; HORN, M. L. V. O desenvolvimento das histórias em quadrinhos no Brasil. **e-Revista Logo,** v. 2. Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Janete Lopes dos. **Mangá:** Ascensão da cultura visual moderna japonesa no Brasil. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SANTOS, Mariana Oliveira dos. **Formação de leitores**: um estudo sobre as histórias em quadrinhos. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 05-23, jul./dez., 2010.

SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emília. **Histórias em quadrinhos**: formando leitores. Comics: forming readers. TransInformação, Campinas, 23(1):63-75, jan./abr., 2011.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. EccoS – **Rev. Cient.**, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012.

SILVA, Carlos Antônio Carlos da. Histórias em quadrinhos e leitura. **Cadernos de Educação**, Belo Horizonte, v.14, n. 28, jan.-jun.2015.

SILVA, George Batista da. **O universo dos quadrinhos**: tiras, gibis e almanaque. Joinville, SC: Clube de autores, 2009.

SILVA, Nadilson Manoel. **Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos**. São Paulo: Annablume, 2002.

SILVA, Patrícia; ARAÚJO, Wagner Junqueira. **Biblionline** 2012 v. 8. n. 2. João Pessoa, PB: UFPB – CSSA, 2012.

SILVA, Pedro. **As maiores civilizações da história**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

SOUSA, Mauricio. **Histórias em questões**: Pinturas de Mauricio de Sousa. São Paulo: Globo, 2001.

TAMAROZZI, Edna; COSTA, Renato Pontes. **Educação de jovens e adultos**. 2. Ed. Curitiba: Iesde Brasil, 2009.

ULBRICHT, Vania Ribas *et al.* **Contribuições da criatividade em diferentes áreas de conhecimentos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2013.

_____. **Conceitos e práticas em ambiente virtual de aprendizagem inclusiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.

URBAN, Ana Claudia; LUPORINI, Teresa Jussara. **Aprender e ensinar História nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

WALLACE-MUTPHY, Tim. **O código secreto das catedrais**: Decodificando os símbolos ocultos da igreja e da arte renascentista. São Paulo: Pensamento, 2007.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa; pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

